fessor e suas especificidades, porém, ser realista e assumir que ela não consegue dar conta de toda a complexidade da profissão é imprescindível. Neste sentido, Tardif (2008) postula que os professores se inserem no seu ambiente de trabalho mesmo antes de começar a carreira profissional, pois passam vários anos como estudante, isso pode influenciar veementemente a prática que este professor irá adotar. Assim, muitos professores em formação passam por sua graduação sem modificar a crença que tinham previamente e, acabam aprendendo a trabalhar na prática, no movimento de tentativa e erro.

Os saberes inerentes à profissão docente são adquiridos através do tempo (TARDIF, 2008), pois, dos professores, será exigido que saibam utilizar as ferramentas didáticos-pedagógicas, além do trabalho com os conteúdos curriculares. Sendo assim, alguns conhecimentos são imprescindíveis, tais como a elaboração de planejamentos, a relação professor-aluno, entre outros. Ações que devem ser ensinadas e abordadas como prática

A relação entre a teoria e prática se conecta diretamente com o planejamento e a relação professor e aluno, aspectos percebidos mais facilmente na prática efetiva, quando bem embasados o processo formativo do professor pode colaborar com os saberes que se agregam a atuação docente e se tornem eficazes na sala de aula.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

LIBÂNEO, J. C. Reflexividade e formação de professores: outra oscilação no pensamento pedagógico brasileiro. In: PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. (Orgs.). Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito. São Paulo: Cortez, 2002.

SCHÖN, D. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, A. Os professores e sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

TARDIF, M. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Petrópolis: Vozes, 2005.

TARDIF, M; LESSARD, C.; LAHAYE, L. Os professores face ao saber: esboço de uma problemática do saber docente. Teoria e Educação, n. 4, p. 215-133, Porto Alegre, 1991.

PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM DA LINGUAGEM NA PERSPECTIVA DE BAKHTIN

EDILAINE CESAR

RESUMO:

O presente artigo baseia-se essencialmente na concepção de interação da linguagem na perspectiva de Bakhtin. Admitir a linguagem como interação social é percebê-la como ocorre em seus diferentes modos de comunicação. Isso requer um novo paradigma sobre a ação da sociedade que emitem e organizam vozes buscando efeitos e significados. Nessa perspectiva, a pessoa torna-se agente do processo de interação, com condições para transitar por diferentes discursos e construir um próprio, a partir de sua condição com os meios comunicativos (linguagem). Nesse sentido, a escola torna-se ferramenta essencial para a concretização da aquisição das formas comunicativas. O foco é o entendimento da linguagem a partir das análises das teorias Bakhtin tendo a escola como ponto central desse fenômeno.

PALAVRAS- CHAVE: Linguagem; Dialógica; Escola; Sociedade.

1 INTRODUÇÃO

A análise referente a teoria de Bakhtin em relação a linguagem possibilitou a compreensão sobre à relação entre o subjetivo (pessoa) e do objetivo (língua). Segundo o autor, o sentido das coisas é dado ao homem por meio da linguagem e isso acontece por meio do diálogo e na interação entre uma pessoa e a outra o tempo todo. Bahktin analisou a estrutura da língua pela inter-relação social no diálogo (dialogismo). Segundo ele, “a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados” (Bakhtin, 1992, p. 112). Essa abordagem confere à linguagem uma natureza social, deslocando a atenção nos aspectos enunciativo-discursivos. Assim, a linguagem, com a qual o homem se comunica, adquire importância primordial nas relações sociais e estabelecidas entre a comunidade, professor, estudante e instituição de ensino.

Bakhtin foi um linguista na extinta União Soviética, onde viveu e desenvolveu sua obra em um contexto histórico marcado por intensas transformações sociopolíticas e recebeu forte influência do marxismo em seu pensamento. Mikhail Bakhtin nasceu em 1895, em Oriol, Rússia, e morreu em 1975, em Moscou. Foi considerado por seus pares um grande pensador e teórico da língua. Inaugurou uma revolução no campo dos estudos linguísticos e literários do Ocidente, depois que suas ideias ultrapassaram as fronteiras da Rússia, a partir da década de 1970.

2. DESENVOLVIMENTO

A LINGUAGEM NA PERSPECTIVA DE BAKHTIN.

Bakhtin foi o teórico que desenvolveu sua teoria a partir de uma análise Linguística e tem sido eminentemente abordado em diferentes áreas do conhecimento no sentido de subsidiar investigações

sobre a língua incluindo, assim primordialmente, o campo da Educação. Bakhtin focalizou em sua obra a linguagem a partir da perspectiva dialógica, o que gerou mudanças importantes no modo como a linguagem era focalizada e concebida pela ciência.
O dialogismo é um conceito que permeia toda a obra de Bakhtin. Tal conceito pode ser definido como o princípio constitutivo da linguagem, o que significa que toda linguagem, em qualquer campo, está impregnada por relações dialógicas. A concepção dialógica contém a ideia da relatividade da autoria individual e, por conseguinte, o destaque do caráter coletivo e social da produção de discursos (COMIN e SANTOS, 2010, p. 748)
As ideias de Bakhtin centralizaram-se sob o conceito de diálogo e a noção de que a língua estabelece, sempre uma conexão entre o eu e o outro. Segundo ele, a realidade social partilhada pelos indivíduos torna-se fator essencial para que a língua exerça o seu papel, de início pela fala e depois pela escrita, ambas tornem se parte do processo de comunicação.
A verdadeira substância da língua seria o ato dialógico em seu acontecimento concreto, sendo que qualquer diálogo, além de ser ele próprio histórica e socialmente determinado, evidencia uma outra história: a história da própria linguagem. A língua seria o produto do trabalho coletivo e ininterrupto de sujeitos socialmente organizados, cujo processo instaura a construção, também coletiva, de conhecimentos, práticas e saberes sobre o mundo. (Comin & Santos, 2010, p. 747).

O diálogo é o elemento por meio do qual a linguagem se estabelece, além dela ser fator próprio da história e socialmente determinado, evidencia a história social e a história da própria linguagem. A linguagem é o produto do trabalho humano e coletivo, ininterrupto, socialmente organizado e constituída historicamente, cujo neste processo, instaura a construção de conhecimentos, práticas e saberes sobre a sociedade e o mundo.
Na teoria bakhtiniana a noção central do entendimento sobre a linguagem não está pautada somente na matéria linguística em si, mas, no entendimento dos discursos, como um ponto de encontro entre a interação social e a forma do conteúdo. Assim, Bakhtin considera o discurso como sendo vivo e intrínseco a as pessoas e apresenta-se de formas múltiplas. Contudo, essas multiplicidades de linguagens que se caracterizam em palavras que não se excluem umas às outras, mas, dialogicamente essas palavras se interconectam e traduzem em materialidade.
A palavra permite a constituição do sujeito na e por meio da linguagem. Não se trata aqui de lidar com uma palavra enquanto unidade da língua, nem com a significação dessa palavra, mas com o enunciado acabado e com um sentido concreto, ou seja, seu conteúdo. A significação da palavra se refere à realidade efetiva nas condições reais da comunicação verbal. A significação de uma palavra só pode ser entendida a partir dos enunciados, da sua entonação, que vai lhe conferir toda uma expressividade própria. A entonação expressiva não pertence à palavra, mas ao enunciado. (Comin & Santos, 2010, p.752).
Bahktin (1992) ressalta que o valor de qualquer diálogo está no enunciado que não é determinado pela língua, um sistema puramente linguístico, mas pelas diversas formas de interação que a língua estabelece com a realidade, ou seja, entre as pessoas falantes, um com os outros enunciados.
[...] “o dito dentro do universo já dito” é apenas um elo de cadeia [...] o ato da fala, ou, mais exatamente, seu produto, a enunciação, não pode de forma alguma ser considerado como individual no sentido estrito do termo; não pode ser explicado a partir de condições psicofisiológicos do sujeito falante. A enunciação é sempre de natureza social. (Bakhtin 1992, p. 95).
Todo enunciado é um diálogo que faz parte de uma ação ininterrupta de palavras. Nesse sentido, a linguagem é vista como fenômeno puramente social e parte de um fluxo da comunicação verbal, onde as palavras se conectam em múltiplos sentidos. Segundo Bahktin (1997) a palavra se apresenta em suas múltiplas enunciações de uma prática linguística que somente compreendemos e reagimos quando as palavras nos despertam algo que está concernente à vida.
Na verdade, se fizermos abstração da consciência individual subjetiva, e lançarmos sobre a língua um olhar digamos, oblíquo, ou melhor, de cima, não encontraremos nenhum indício de um sistema de normas imutáveis. Pelo contrário, depararemos com a evolução ininterrupta das normas da língua (Bakhtin, 1992, p. 90)
A consciência linguística é parte de uma corrente evolutiva, ininterrupta como de um sistema síncrono da língua pertencente a uma sociedade que historicamente constituiu com um modo único de expressão e que só existe do ponto de vista do locutor (relação dialógica) e que dela participa, regida por mais de uma linguística com normas que variam de acordo com a sua história e cultura. Diferem pelo grau de coerção que exercem, pela extensão de sua escala social, pelo grau de significação social que é função de uma relação mais ou menos próxima com a infraestrutura (Bakhtin, 1992, p. 95). Segundo Bakhtin, (1992, p. 95), a palavra está sempre carregada de um sentido ideológico ou vivencial. Para Bakhtin (1992), cada época e cada grupo social têm seu repertório de formas de discurso e enunciação

que funcionam como um espelho, refletido no cotidiano.

Concluímos que a linguagem para Bakhtin (1992) exerce uma função social carrega de um sentido pleno histórico e cultural traduzindo os ideários ideológicos desta mesma sociedade. Por isso, a linguagem nunca está completa, pois é um projeto sempre inacabado. Para Bahktin (1992, p. 70) a unidade do meio social e do contexto social imediato são condições absolutamente indispensáveis para que a língua, a fala tornar-se um ato de linguagem. Ele também considera a variabilidade respeito da palavra. Desse modo, a palavra pode ter sentidos diferentes de acordo com o contexto em que acontece e torna-se dialética no diálogo a partir de ressignificação e de releitura. Contudo, a língua se constitui em um processo de evolução ininterrupto, realizado através da interação social da linguagem, colocando-nos como integrantes do discurso de outrem e apresenta-se através de sua natureza social e ideologicamente significante como enunciação.

2.1. As ideias de Bakhtin e os processos educacionais e formativos.

Quando se trata dos discursos desenvolvidos na escola sobre o aprendizado da linguagem é de suma importância considerando as relações de diálogo que se estabelecem na escola. Nesse sentido, um ponto a ser considerado é a retomada da afirmação de Bakhtin (1992) sobre a "enunciação", ou seja, o produto de interação de dois indivíduos socialmente organizados em que a palavra se torno o elo inicial da linguagem traz em si o signo ideológico e busca demonstrar que a natureza social de integrar o discurso de outrem numa determinada época e num grupo social e faz parte do movimento da linguagem da própria escola. E é, neste sentido, que a educação afirma sua importância e atuação. Mediante os processos de aquisição da própria linguagem, a escola é entendida aqui, como o espaço em que o signo e a constituição da palavra/enunciação acontecem de modo espontâneo e são adquiridos por meio das vivencias estabelecidas neste espaço.

Os signos tornam-se ponto de compreensão e nas palavras de Bakhtin (1997) um signo é um fenômeno do mundo exterior. O próprio signo e todos os seus efeitos (todas as ações, reações e novos signos que ele gera no meio social circundante) aparecem na experiência exterior (p. 33). Desse modo, este signo caracterizado, por uma realidade objetiva, passível de ser submetida a um estudo de caráter objetivo, que a escola se faz, e traduz à sociedade, sendo assim, aprimorado o sentido da aprendizagem e da linguagem, ou seja, desses códigos linguísticos e culturais.

De acordo com as ideias de Bahktin (1992), podemos compreender que a língua não está pronta. Os sujeitos se constituem como tais à medida que interagem uns com os outros. Nesse aspecto podemos considerar a escola como elemento fundamental deste processo, pois é nela que estas relações vão se estabelecer e acontecer as aprendizagens e compreensão destes signos da própria linguagem.

A consciência e o conhecimento de mundo dos aprendizes tornam-se parte importante do processo, uma vez que, é o produto inicial para a consolidação do processo de aquisição da língua são as suas próprias experiência e vivencias com a língua. A linguagem é resultado do trabalho dos falantes, sendo um trabalho linguístico continuo, realizado por diferentes pessoas, em diferentes esferas, momentos históricos e formações sociais.

A comunicação cotidiana não está desvinculada da comunicação ideológica. Pois, ela acontece nas conversas entre os pares da sociedade e vão se afirmando. Para Bahktin (1992, p. 70) a unidade do meio social e do contexto social imediato são condições absolutamente indispensáveis para que a língua, a fala possa tornar-se um ato de linguagem. De acordo com os pressupostos Bakhtin, Geraldi (1991, p. 4-5) propõe que o professor e o linguista devem integrar um só corpo. Segundo Geraldi (1991) não há necessidade de se construir pontes entre a linguística e o ensino ocorrido na escola. Porém, a escola no ensino da produção dos textos e na análise linguística não se dá como objeto epistemológico e acontece por inteiro, em sua dimensão política, histórica, social e contextual. Ocorre em um ensinamento interativo e multifacetado. Segundo Geraldi (1991), focalizar a linguagem a partir do processo de interação, e, com esse olhar, pensar o processo educacional, enquanto produção da linguagem e dos seus significados é admitir, como Bahktin, que a língua não está pronta, mas que o próprio processo interlocutivo na atividade da linguagem a faz (re)construir os sujeitos que a constituem, à medida que interagem uns com os outros, ou seja, a consciência linguística e seu conhecimento de mundo resultam como "produto" desse mesmo processo.

Não há pessoas prontas, mas se completando e se construindo nas suas falas e nas interações, não acontecem fora de um contexto social e histórico mais amplo, assim como a linguagem se constitui em um campo mais amplo de possiblidades e ressignificações.

3. CONCLUSÃO

Podemos concluir que Bakhtin concebe o desenvolvimento humano, tal como apregoa em relação à linguagem, como uma malha de discursos circulantes e plurais em contraposição a um discurso único, que não apenas relativiza os posicionamentos, mas subsidia saberes e práticas em nosso meio que possuem uma materialidade e concretude que lhe são próprias.

Bahktin destaca a importância da interação com “o outro”, que gera a nossa fala se apropriando de Vygotsky, as zonas de desenvolvimento, em que esse “outro” pode e deve ser no caso da escola a professora ou um colega mais experiente, para que, em trabalhos em grupo, o aluno consiga se envolver e se comunicar de forma compreensível pelo seu interlocutor. Nesse sentido, contribuições linguísticas para a área do ensino da linguagem se constituem como um processo fundamental em que as relações se fortificam.

Outra grande contribuição é a questão da própria interação oral da linguagem como um meio comunicativo que torna parte do ato educativo, que Bakhtin nomeia de “realidade fundamental da língua”. Segundo Bakhtin, “A aprendizagem da linguagem é já um ato de reflexão sobre a linguagem”. Ao tomar a linguagem como ponto de partida, enquanto produto de interações sociais, à luz de referencial teórico, não nos propomos a encontrar receitas no processo de aquisição da língua, mas sim possíveis encaminhamentos que possam ajudar no sentido do ensino da própria língua enquanto uma ação social e não somente escolar.

Para Geraldi (1992), quer queiramos ou não, estamos sempre definindo rotas, roteiros de viagens. Navegar é preciso! Porém, é necessário estabelecer um roteiro significativo para que a viagem seja inesquecível e guardemos na memória.

Em se tratando dos processos de ensino o que está em questão não é a língua falada em si, mas o modo como os falantes se utilizam dela. Precisamos considerar que existem variedades linguísticas e valorizar essa pluralidade de fala que a sociedade traz e que é diferente da ensinada na escola. Também se faz necessário, evidenciar que, na escola, precisamos ensinar esta variedade e considerar as outras variedades, por razões semelhantes às do aprendizado de outra língua, para termos acesso aos vários tipos de conhecimento. Isso, no entanto só será possível se vermos os estudantes como sujeito da interação, com condições para transitar por diferentes discursos e construir um próprio.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M (V.N. Volochinov) Marxismo e filosofia da linguagem. Tradução de Michel Lauch e Iara Frateschi Vieira. 6.ed. São Paulo: Editora Huritec 1992.

_____. Os gêneros do discurso (1952-1953). In.: Estética da criação verbal. Trad. Maria Ermantina Galvão Gomes e Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 277-326 .

_____.O problema do texto (1959-1961). In.: Estética da criação verbal. Trad. Maria Ermantina Galvão Gomes e Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 327-358 .

BAKHTIN, M (Volochinov). Estética da criação verbal. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes; 1997.

BARROS, D.L.P. & FIORIN, J.L. Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994. 81p.

BRAIT, B. As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso. In.: Barros & Fiorin (Org.), Dialogismo, polifonia e intertextualidade: em torno de Bakhtin. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994. p.11-27

FERREIRO, E. & TEBEROSKY, A. Psicogenese da lingua escrita. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

Freitas MTA. Nos textos de Bakhtin e Vigotski: um encontro possível. In: Brait B, org. Bakhtin, dialogismo e construção do sentido. 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp; 2005: 295-314.

GERALDI, J. W. (org). O texto na sala de aula. Cascavel: ASSOESTE, 1984.

_____. (org). Portos de passagem. 2.ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1992.

KLEIN, L. R. Alfabetização: quem tem medo de ensinar? 2.ed.São Paulo: Cortez; Campo Grande: Editora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 1997.

Scorsolini-Comin F, Amorim KS. “Em meu gesto existe o teu gesto”: corporeidade na inclusão de crianças deficientes. Psicologia: Reflexão e Crítica. 2010; 23(2): 261-269.

OLIVEIRA, M, K de Vygotsky. Aprendizado e desenvolvimento: um processo sóciohistórico. São Paulo: Scipione, 1997.

VYGOTSKY, L.S. A formação social da mente. 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998a.

_____. Pensamento e Linguagem. 2ed. São Paulo: Editora Marins Fontes. 1998b

Rossetti-Ferreira MC, Amorim KS, Silva APS, Carvalho AMA, orgs. Rede de significações e o estudo do desenvolvimento. São Paulo: Artmed; 2004. 17.

Barros DLP. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: Fiorin JL, org. Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin. São Paulo: Edusp; 1994.